

3.11. - As representações do professor

Encontramos ainda as representações referentes ao estímulo *Professor*

(6). As mesmas estão representadas por **atenciosa(6)**, **paciência(6)**, **educação(6)** e **ótima(6)**. Podemos conferir essas representações no que dizem os operários nas entrevistas, a representação que têm sobre a figura do professor:

"E a professora aqui ensina bonzinho, a professora aqui é ótima, todas professora do sindicati, ela é ótima, tem gente aqui que ainda tá cubrino, esses novato que entraram ainda tá cubrino, ma a professora aqui elas ensina bonzin, ensina do jeito que a gente qué e a gente pede, aí se eu não gostá desse jeito eu digo, professora, eu quero dô, faça aí no quadro pá quem sabe e faça aqui no caderno, ela faz no caderno, pá eu ela faz no meu caderno porque ali ela apaga ligero, eu só mei atraza...divagazin né, aí quem sabe, esses que sabe é no cad... ali no no esses que não sabe a gente di professora aqui. Ela vem de lá e fai aqui, ela ensina tudo dereitin, a professora ensina tudo dereitin, analisado, tem vêi, prufessora aqui pegou na minha mão, na minha mão assim ó, e eu cá mão, imuleça a mão, imuleça a mão, e eu, já pensou, e eu digo oxê, não vou apendê não meu Deu, quando eu vi ela pegá na minha mão, eu digo meu Deu pronto, ela dixé o senhô vai cubri, aí eu fui cubri né, fui cubrino, fui cubrino, fui cubrino, peguei cubri o nome, e butava pá e butava pá e lá vai, aí agora tô fazeno." (Antônio Henrique, 50, vigia).

"O que eu acho mais importante, é o seguinte porque, se a gente estuda, e a gente é bem recebido, é bem tratado na Escola, eu acho que dá mais prazer pra gente né, pra mim é muito importante isso, quando você chega num, numa sala de aula, se você vamos dizê que, tem essa, tem esse, esse, esse porém, se você chegá no horário, tem vários professores (...), e tudo, mais fica com a cara um pouco meio emburrada pro lado do aluno, não trata ele do jeito que deve ser, e aqui não, e aqui pra mim, eu acho que pros não ôto não tem, não tem nem esse grilo, porque se você chega dois, três minutos ou cinco minuto, seja como for atrasado, é bem recebido, merma forma, não tem cara

Como podemos perceber pelos depoimentos dos trabalhadores-alunos, existe uma convergência no que se refere às representações do professor, feitas pelo trabalhador-aluno da Escola. As representações sobre o *Professor* (6), afirmamos que são consensuais. O professor é visto como amigo, que ensina bem, é uma pessoa *ótima*(6), *tem educação*(6) e *tem também paciência*(6), além de ser uma pessoa *atenciosa*(6) com o trabalhador-aluno.

Em síntese, foi dentro desse espectro de análises que conseguimos visualizar as representações sociais dos trabalhadores-alunos, sobre a Escola Zé Peão. Dito de outra forma, a partir das representações do gráfico e das entrevistas em profundidade, foi que pudemos fazer essas inferências, sobre as representações sociais dos trabalhadores-alunos sobre a referida Escola.

Passaremos, a seguir, a fazer as considerações finais sobre nossa análise.

feita, parece que não houve nada, então, eu acho que isso é o que vale no, no estudo né." (José Roberto, 24, sergente).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito estudar as representações sociais dos trabalhadores da construção civil da cidade de João Pessoa sobre a Escola Zé Peão.

Em primeiro lugar, temos a compreensão de que este estudo sobre estas representações sociais não se dá por acabado, aqui, por considerarmos que a realidade é um fator dinâmico. Portanto, as respostas que obtivemos nesta pesquisa têm um caráter de provisoriedade.

Essas respostas foram analisadas e construídas, a partir de algumas constatações, as quais chegamos em nossa pesquisa empírica, possibilitando-nos indicar caminhos possíveis, sobre as representações sociais dos trabalhadores-alunos sobre a referida Escola.

Consideramos que as nossas conclusões, neste trabalho, deixam lacunas que, na nossa percepção, fazem parte deste arcabouço teórico, próprias deste conjunto de elaborações e de uma concepção de ciência na qual o saber é inesgotável.

Sendo assim, aqui também, ficarão perguntas sem respostas, mas, é do nosso entendimento que outras pesquisas poderão suscitar respostas futuras às lacunas, aqui, evidenciadas.

Tomaremos, agora, a partir das respostas obtidas na Análise Fatorial de Correspondência(AFC), como também, das respostas às entrevistas, o nosso ponto de partida, na tentativa de fazer uma síntese de todo o caminho percorrido nessa pesquisa. As interpretações que podemos fazer com relação ao gráfico, como síntese das RS obtidas dos testes de associação livre aplicados aos 32 sujeitos da pesquisa, como também das entrevistas realizadas, trazem uma gama de contribuições que podem, certamente, explicar, a partir dos estímulos propostos, a configuração geral do gráfico (RS). Dito de outra forma, a maneira como estas representações estão dispostas, caracterizando-se enquanto campos representacionais na perspectiva dos dois fatores (eixo 1, eixo 2).

Evidentemente esta caracterização mais geral vai necessariamente produzir um sentido mais amplo ao conjunto das representações, de forma a explicá-las dentro de cada campo representacional, em termos de suas posições mais próximas, mais afastadas, sobrepondo-se, justapondo-se, sendo antagônicas, sendo consensuais umas das outras, de maneira que permitam conduzir a um entendimento do porque estão dispostas dessa maneira e não de outra mais "lógica".

Antes de apresentarmos a síntese das nossas análises sobre a Escola Zé Peão, abrimos, aqui, um parêntese para inferirmos sobre algumas conclusões prévias, diante do que representa a Escola Zé Peão para os trabalhadores-alunos e suas relações com o mundo do trabalho.

As representações nas quais mais aprofundamos as nossas análises estão concentradas nas representações da Escola e do trabalho. A Escola foi o motivo primeiro que nos levou a estudar essas representações. Entretanto, não poderíamos subestimar as relações da Escola com o trabalho. Dessa forma, o trabalho adquiriu uma importância sem precedentes no desenvolvimento de nossas análises. Praticamente, o

trabalhadores-alunos comporta, explica-se pelas contradições dessa sociedade. Podemos afirmar que essa tessitura na qual o trabalho na vida desses

trabalhadores-alunos da construção civil estão submetidos. afirmaram, o trabalho é o pão de cada dia, demonstrando o imediatismo ao qual os uma coisa boa. O trabalho para esses trabalhadores é tudo, é como eles próprios positivas sobre o trabalho, por significar as suas próprias sobrevivências, vendo-o como ai, a valoração negativa sobre o trabalho. Mas também, eles têm representações importante quanto cansativo, uma necessidade, desgastante, desumanizador, dando-se, O trabalho também tem outros significados. Sendo assim, o trabalho é tão

que de forma bastante brutalizadora e limitada aos interesses do capital. também aprendem com o trabalho. Nesse sentido, o trabalho também os educa, mesmo espaço concreto dos seus aprendizados, das suas práticas cotidianas. Esses trabalhadores trabalhadores-alunos, aqui, é como princípio educativo. O trabalho é verdadeiramente o Uma das formas que podemos evidenciar o trabalho para esses elemento que transforma as suas vidas e dá continuidade aos seus processos vitais.

trabalho, mais especificamente, no trabalho manual. Assim, o trabalho manual ainda é o constituir em uma ameaça às suas sobrevivências, mas as suas referências estão no trabalhadoras da construção civil em João Pessoa, estas mudanças, apesar de já se Mesmo considerando as inovações tecnológicas no mundo atual, para os

trabalho é o elemento ainda centralizador da vida desses trabalhadores. O *motiv* das suas vidas. E no trabalho que a própria Escola Zé Peão está inserida. O processo para os trabalhadores da construção civil, o trabalho constitui-se como o *leit-* afirmamos que, além da Escola ZP, como elemento inovador nesse

gráfico, como nas entrevistas em profundidade. trabalho foi o contraponto de toda a nossa pesquisa. Isso ficou bastante claro, tanto no

capitalista, onde os interesses perpassam as classes sociais, e os trabalhadores-alunos dessa indústria não estão fora desse contexto do mundo do trabalho.

Por conseguinte, a Escola Zé Peão comporta significados distintos, às vezes, articulada ou desarticulada nas suas relações com o mundo do trabalho, ou mesmo, com a própria vida desses trabalhadores. Partiremos, agora, para uma síntese mais abrangente sobre as representações sociais da Escola Zé Peão.

Se tomarmos essas representações sociais como sendo a objetivação do pensamento dos trabalhadores-alunos sobre essa Escola, perceberemos que as mesmas traduzem um sentimento que vai além do sentido específico, real, institucionalizado que a escola na nossa sociedade, em geral, é detentora.

Nessa perspectiva, o que podemos compreender da disposição produzida pelo gráfico dessas representações sociais, em termos lógicos e de expressão do pensamento dos trabalhadores-alunos, a princípio, parece-nos ter uma relação fundamental com o que pensam esses trabalhadores da construção civil sobre a Escola Zé Peão. Dessa forma, podemos entender que essas representações sobre essa Escola carregam diferentes sentidos.

Elencamos, aqui, alguns pontos que achamos relevantes as nossas conclusões sobre a Escola Zé Peão.

A Escola Zé Peão é representada pelos trabalhadores-alunos como tendo um valor positivo para os mesmos, à medida que permite o acesso desses trabalhadores-alunos ao mundo dos signos, dos códigos, da escrita, "da reelaboração de conhecimentos e da aquisição de novas formas de linguagens sociais." (Ireland, 1996:80). Assim, essa Escola proporciona a esses trabalhadores-alunos reconhecerem-se e reconhecerem o outro como sujeitos que fazem parte de um mundo comum, do mundo da escrita.

Podemos dizer que as representações sociais sobre a Escola Zé Peão são extremamente positivas. A Escola adquire valor de positividade, a medida que é **importante(4)**, onde os trabalhadores-alunos também **aprende(4)**.

A Escola Zé Peão também está representada como sendo um **projeto(4)**. Nesse sentido, entendemos que essa Escola, na percepção dos trabalhadores-alunos, tem uma forte ligação com o Sindicato dessa categoria. A Escola Zé Peão projeta-se no Sindicato.

A Escola Zé Peão insere esses trabalhadores-alunos ao saber formal, que, na verdade, é o saber que tem reconhecimento na sociedade e que, para eles, tem um valor fundamental, uma vez que esses trabalhadores-alunos, a grande maioria, já tinha sido excluída da escola formal. Portanto, a Escola Zé Peão coloca esses trabalhadores-alunos, novamente, em contato com o saber sistematizado, digo: o saber escolar.

Fica evidenciado que Escola Zé Peão, para os trabalhadores, tem uma carga fortíssima de conhecimentos, a medida que **ensina(4)**, não qualquer tipo de ensino, mas, um ensino ao qual os trabalhadores-alunos não tiveram acesso, e que podemos entendê-lo como sendo a possibilidade desses trabalhadores-alunos compreenderem com mais facilidade os seus processos no trabalho, como também, na convivência social de uma maneira geral.

Dito pelos próprios trabalhadores-alunos, na Escola Zé Peão se **aprende(4)**. O aprender, aqui, tem uma concepção muito ampla. Pois presumimos que esse aprender, tem relação com um aprender para a vida, para o mundo, aprender a viver no/com o mundo, aprender a ser mais humano, aprender a conviver com os seus pares, com os outros homens e mulheres na sociedade. A Escola Zé Peão permite e abre espaço para a socialização desses trabalhadores-alunos, na perspectiva de integrá-los à sociedade. A Escola, aí, seria um elemento de mediação para convivência humana.

assumido por eles e construído junto com os mesmos. A Escola ZP representa um espaço do encontro pensado, consciente, enquanto espaço social de reflexão que é do encontro dos trabalhadores-alunos. Mas, não qualquer encontro. Acrescentamos, e o Podemos compreender também a Escola Zé Peão, como sendo o espaço em nossa sociedade é hegemônica.

cujo pressuposto está fundamentado numa visão liberal de homem e de sociedade e que visão romântica já assimilada pelos mesmos, como possibilidade de "*crezcer na vida*", um pouco criticamente consciente. Para esses trabalhadores-alunos, é também numa suas práticas, evidentemente, nos limites dos seus conhecimentos, mas de uma forma já participação desses trabalhadores-alunos, quando permite que os mesmos reflitam sobre Percebe-se também que a Escola Zé Peão é um canal de expressão e aprendizagem.

elemento facilitador, ao mesmo tempo em que é mediador de todo processo ensino-que foi representada na figura do **professor(4)**. O professor, aqui, pode ser visto como A Escola Zé Peão também é confundida com o **professor(4)**, uma vez

conhecimento, introyetando nesses trabalhadores-alunos a lecto-escrita, stritu senso. tanto valoriza. Sendo assim, A Escola Zé Peão cumpre a função de socializar o descobrir o código escrito, a ter acesso à leitura e à escrita que esta sociedade moderna trabalhadores-alunos, pode ser compreendida, como aprender a **aprenderier(4)**, a Uma outra vertente de aprender, especificamente, para esses conhecimento através do método científico.

metodologia que intertira nos seus trabalhos, dizendo melhor, ter acesso ao visto, também, como possibilidade de aprender um método de ensino, uma trabalhadores-alunos, que, antes da Escola, não existiam. O aprender, aqui, pode ser Dessa maneira, a Escola ZP estabelece novas redes de relações sociais na vida desses

espaço social de reflexão de uma prática consciente enquanto trabalhadores da indústria

da construção civil.

Podemos dizer que na Escola Zé Peão, os trabalhadores-alunos deixam

de ser apenas operários da obra e passam a construir novas identidades como trabalhadores-alunos, com os seus pares, como ser humano, como trabalhador da cidade, numa nova relação com o urbano. A Escola ZP é o espaço de construir

cidadanias.

Mesmo os trabalhadores-alunos tendo todas essas representações sobre a

Escola Zé Peão, temos a compreensão de que, de forma bastante preponderante, a Escola Zé Peão representa para esses trabalhadores-alunos, acima de tudo, o espaço do

conhecimento, dizendo mais objetivamente, do conhecimento elaborado, sistemático, do

conhecimento científico. Esta nossa compreensão ficou bastante clara nas

representações sociais sobre a Escola Zé Peão.

Entretanto, a Escola ZP assume, para os trabalhadores-alunos, não apenas

a função socializadora de transmissão dos conhecimentos, mas, vai além da sua

especificidade, re-socializando-os, reconstruindo novas identidades, redefinindo-se num

espectro de representações variadas, polissêmicas e contraditórias, exatamente por

serem representações de trabalhadores que, enquanto concepção de mundo, de homem,

de sociedade, assumem uma postura de alienação, como também, por outro lado, de

resistência enquanto trabalhador.

A Escola Zé Peão recoloca-se para os trabalhadores-alunos como uma

ampla porta para as possibilidades de um fazer e um pensar, para além dos fragmentos,

a medida que permite aos trabalhadores não se distanciar do pensar e do fazer de

uma forma articulada. A Escola Zé Peão representa para os trabalhadores-alunos o

despertar de um novo sujeito histórico que se encontrava num estado potencial de latência e que passou para a condição de sujeito histórico em estado manifesto.

Assim, a Escola Zé Peão coloca esses trabalhadores na condição de possíveis trabalhadores-alunos pensantes, históricos, porque pensam sobre si, o seu fazer, o seu agir, os seus trabalhos, sobre as suas vidas. Aprendem a exercer o poder de reivindicar nos seus dia-a-dia, ainda que essa condição seja bastante adversa e estejam postos limites para isso.

Não apostamos, aqui, na certeza e nem trazemos respostas definitivas, mas, entendemos que, talvez seja este o caminho possível ou mais aproximado de chegarmos ao pensamento, às suas opiniões, às aspirações, aos anseios, às inquietudes, às expectativas desses trabalhadores-alunos, para que possamos compreender as representações sobre a Escola Zé Peão.

Entendemos que é desconstruindo os discursos "espontâneos" que estão subjacentes às falas desses trabalhadores, dentro de um processo pelo qual a subjetividade humana se materializa em produtos que podem ser reconhecidos como elementos de um mundo comum, que chegamos às representações sociais sobre a Escola Zé Peão. Ao mesmo tempo, em que os trabalhadores-alunos nomeiam o que é desconhecido, ou o novo, no sentido de contribuir, para compreender as relações sociais, que estão impregnadas de verdades e que podem ser traduzidas em representações sociais sobre essa Escola. Nessa perspectiva, então, é que formamos as constatações que graficamente e, estatisticamente, de uma maneira bastante abalizada, significa dizer, é o que tem peso em suas vidas.

Não por acaso escolhemos os estímulos *Trabalho* (1), *Não-trabalho* (2), *Estudar* (3), *Escola Zé Peão* (4), *Outra escola* (5), *Professor* (6), *Aluno* (7), *Patrão* (8). As palavras carregam um peso inerente ao seu valor societário. Cada palavra dessa

Como uma última consideração, não poderíamos pensar que esta Escola Zé Peão seria diferente para esses trabalhadores-alunos da construção civil da cidade de João Pessoa, em termos de superação de seus conflitos. Ela é, em nível de suas representações, a síntese de uma realidade desumanizada, cruel, de um mundo de

possuem contornos distintos em nível de suas representações sociais. onde os discursos românticos e de resistência mesclam-se, mas ao mesmo tempo, contraditoriamente, os insere no entendimento de uma realidade ambígua, não-linear, da construção civil, ou seja, das suas condições materiais de existência, que, trabalhadores-alunos, a partir da existência concreta dos mesmos, no mundo do trabalho Assim, optamos por compreender as representações sociais desses

representações sociais sobre a referida Escola. único sobre a Escola, conseguem construir visões dispare, assumindo-as enquanto desses trabalhadores-alunos. Pelo fato de os mesmos não possuírem um entendimento se de armadilhas que, dentro de uma trama social complexa, pertencem ao mundo Portanto, as representações sociais sobre a Escola Zé Peão, impregnam-

sujeitos têm sobre a Escola Zé Peão. construção civil, produzindo um efeito revelador das representações sociais que esses correspondendo a uma realidade específica e bem particular do mundo do trabalho da trabalhadores-alunos. Esses estímulos poderiam ser percebidos por eles, como que entendermos que as mesmas produziram uma ressonância, se direcionadas aos Foi com este propósito que tornamos essas palavras estímulos, por

trabalhadores-alunos têm um pensamento partilhado sobre as mesmas. acépticas, elas são maculadas, carregadas de ideologias, visões de mundo, etc, e que os pelas relações sociais dos homens, que são concretas. Portanto, estas palavras não são realça a um contexto específico produzindo um sentido. E esse sentido, está mediatizado

exploração, de um trabalhador-aluno, negado dos bens culturais e simbólicos, como também, dos bens materiais mínimos, excluído de um saber que foi produzido histórico e socialmente.

Infelizmente, no estágio atual do capitalismo no Brasil, região Nordeste, somos sabedores que a escola formal ainda tem uma função muito mais de mecanismo de discriminação e controle sobre os cidadãos, do que como um direito universal que poderia contribuir para nivelá-los e para construção de uma cidadania plena e de fato.

Por outro lado, a Escola Zé Peão representa também uma outra síntese, que supomos ser preponderante, e a possibilidade dos trabalhadores-alunos **pensar que podem pensar**; e no pensar, constroem os seus desejos, as suas realizações, a auto-estima, as mudanças, as suas aspirações, as transformações da sua consciência, o *vir a ser*, como o reencontro consigo mesmo, com seus pares, com o mundo, como um sonho que pode se concretizar, articulado à possibilidade real de Ser-Homem. Essa seria a síntese positiva das representações sociais sobre a escola ZP. Todavia, sabemos que a realidade da indústria da construção civil na cidade de João Pessoa é complexa, de desemprego, de desalento, de desesperança, de um mundo de apreensão e de dúvidas.

Em síntese, podemos concluir que nas representações dos trabalhadores-alunos sobre a Escola Zé Peão preponderam elementos de positividade e que numa sinopse possível, a Escola recoloca para esses trabalhadores-alunos a possibilidade de, mesmo que tardiamente, os mesmos sejam reconhecidos como trabalhadores-alunos que lutam pelos seus direitos como cidadãos, na perspectiva de resgatar a dignidade e de construir a tão propalada cidadania plena. Sendo assim, supomos que as representações sobre a Escola Zé Peão nos levam a crer que essa Escola começa a despertar nesses trabalhadores-alunos uma consciência crítica, mesmo que essa consciência seja embrionária. Portanto, essa consciência crítica, por pouca que seja, é de uma

importância fundamental na vida desses trabalhadores-alunos, à medida que é ela que está levando os mesmos a reivindicarem os seus espaços como cidadãos letrados dentro da sociedade, ainda que essas reivindicações se deem de forma bastante tímida e limitada.

ANEXOS

1. - TESTES DE ASSOCIAÇÃO LIVRE

PARTE I:

Nome do aluno: _____ Nº _____

Naturalidade: _____ Estado: _____

Idade: _____ Estado civil: _____

Qualificação profissional: _____

Tempo de serviço na const. civil: _____

Tempo de serviço na obra: _____

Função que exerce na obra: _____ Construtora: _____

Programa de Alfabetização: _____ Canteiro: _____

Data do teste: _____ Hora: _____ Local: _____

PARTE II:

1) Trabalho/Trabalhar é: _____

2. - TRI-DEUX MOTS : chaîne de programmes pour le traitement des questions ouvertes ou des mots-associés

Version 1.1 septembre 1990

Renseignements Ph.Cibois UFR Sciences sociales - Paris V

12 rue Cujas - 75005 PARIS

Programme SELECT

Le fichier de sortie des mots sélectionnés est THADEU.BRT

et servira d'entre pour ANCORR

Le fichier d'information est THADEU.INF

Le fichier d'impression est THADEU.PRT

Le fichier mots longs+caractéristiques est THADEU.TRI

Fréquence minimum de sélection d'un mot = 4

Nombre de mots lus en entre 1276

Nombre de mots, crits en sortie 95

CODLOG : PROGRAMME DE CODAGE LOGIQUE *VERSION PC

PARAMETRES :

1(DISJONCTIF/TRAIT) 2(SIMPLE/DEDOUBLE) 3(NB CARTES FORMAT)

4(PONDERATION)

5(NON REP. CODEES) 6(GENERATION FICHER INFO) 7(VERIF CODES MAX)

8(PRESENCE/ABSENCE)

9(IDENT OUI/NON) 10(RECODAGE OUI/NON)

NB DE QUESTIONS (OU TRAITS):

4

CODE MAX DES QUESTIONS:

2 4 2 2

FORMAT DE LECTURE:

(A4,3X,411)

INTITULE DES QUESTIONS:

PRO IDA EC QUA

ATTENTION: QUAND LES NON REPONSES SONT CODEES

TOUS LES CODES(CODES-MAX ET INDIVIDUS) SONT AUGMENTES

AUTOMATIQUEMENT DE UN - CE CI NE VAUT QUE POUR

LES EVENTUELS DEPASSEMENTS ET NON POUR LES TRIS A PLAT

CODES MAX AUGMENTES DE UN =

3 5 3 3

NOMBRE DE MODALITES CONSTRUITES=14

NB D'INDIVIDUS LUS EN ENTREE=1276

NB D'INDIVIDUS ECRITS EN SORTIE=1276

NUMERO DU DERNIER INDIVIDU: VONT

FIN NORMALE DU CODAGE

Tri ... plat de la question PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO

total 0 1 2

1276 0 755 521

100 0 59.2 40.8

Tri ... plat de la question IDADE

total 0 1 2 3 4

1276 0 53 537 543 143

100 0 42.42 142.6 11.2

Tri ... plat de la question ESTADO CIVIL

total 0 1 2

EN VUE DU PROG. ECARTS
FIN NORMALE DE LA GENERATION DES CARTES PAR

19(A4,5(200F1.0))

CARTE 5 :

12030431

CARTE 4 :

10010000100100

CARTE 3 :

PRO0PRO1PRO2IDA0IDA1IDA2IDA3IDA4EC 0EC 1EC 2QUA0QUA1QUA2

CARTE 2 :

1276 14 4 1

CARTE 1 :

19 NB TOTAL MODALITES= 14 NB SUPL= 4 NB INDIV= 1276

CARTE 0 :

EN VUE DU PROGRAMME ECARTS

GENERATION AUTOMATIQUE DES CARTES PARAMETRES

100 0 60.7 39.3

1276 0 774 502

total 0 1 2

Tri ... plat de la question QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

100 0 87.5 12.5

1276 0 1116 160

3. - HISTOGRAMA DE VALORES PRÓPRIOS

OB I B L I O T H E Q U E A D D A D - V E R S . 8 3 -

ANALYSE DES CORRESPONDANCES (ANGCORR - 201)

D'APRES : IAGOLINTZER ET TABET

ADAPTATION TRI-DEUX PH.CIBOIS LISH MSH

THADEU

OPARAMETRES...

NI	NJ	NK	NL	0	4
95	14	0	4		

MODALITES...

PROJ	PROZ	IDAO	IDA1	IDA2	IDA3	IDA4	EC 0	EC 1
EC 2	QUAO	QUA1	QUA2					

OSUPPLEMENTAIRES...

...5...10...15...20...25...30...35...40...45...50

10010000100100

OGRAFIQUES...

1233043100 1233043200 0000000000 0000000000

0000000000 0000000000 0000000000 0000000000

OFORMAT...

(A4,15X,200F3,0,200F3,0)

0

NOM(J) : PROJ PROZ IDA1 IDA2 IDA3 IDA4 EC 1 EC 2 QUA1 QUA2 PROJ IDAO

PU(J) : 424 320 28 317 311 88 659 85 460 284 0

0

NOM(J) : EC 0 QUA0

PU(J) : 0 0

0

VALEURS PROPRES VAL(1) = 1.00000

NUM LITTE I VAL PROPRE I POURCENTI CUMUL I*1 HIST. DES VALEURS PROPRES

ICANS11000	9	121	-121	78	31	-284	432	201	-123	81	61	190	192	161
ICHAN11000	8	81	-53	18	01	-18	2	01	-190	237	121	302	597	361
ICHAM11000	11	21	68	130	11	111	348	31	47	62	11	4	0	01
ICOL211000	8	481	-776	658	991	347	131	251	364	145	451	-126	17	61
ICON311000	12	131	29	5	01	-366	846	421	30	6	01	-111	78	71
ION1611000	5	241	-450	303	221	212	67	61	138	28	41	-582	507	881
IDES511000	11	41	-169	505	61	-6	1	01	10	2	01	-102	185	51
IDES811000	5	131	263	194	81	-469	617	301	66	12	11	-14	1	01
IDES911000	5	191	-548	555	331	-251	117	91	-219	89	111	-187	64	91
IDIA111000	5	161	-11	0	01	-594	759	491	-242	126	131	-111	27	31
IDIF11000	16	81	68	63	11	-226	711	211	60	50	21	-11	2	01
IDIF611000	7	81	-3	0	01	-370	775	241	-187	198	101	-31	5	01
IDIVE11000	11	21	96	275	21	25	18	01	67	136	21	-80	192	31
IDIV311000	5	51	185	228	41	-163	178	41	-263	462	161	-85	49	21
IDROG11000	7	121	-446	748	271	118	53	21	-121	55	41	-3	0	01
IDU11000	8	111	281	396	131	-33	6	01	269	363	251	-194	190	151
IDU311000	11	181	174	118	71	441	754	541	-57	13	11	-131	66	91
EMPR11000	9	101	138	113	41	186	206	81	76	34	21	323	619	481
ENS311000	7	141	147	68	31	266	222	121	-368	426	391	-46	7	11
ENS411000	26	11	-27	111	01	-22	74	01	-7	8	01	5	4	01
EXP211000	20	61	39	37	11	-102	250	51	2	0	01	169	684	281
FAM11000	8	71	-330	783	181	72	37	11	-68	33	21	-66	31	21
FUT211000	7	61	198	270	51	-163	183	51	-171	201	81	-144	144	71
GDIN11000	15	51	-169	511	91	67	79	21	89	141	51	-77	105	41
GOV11000	23	71	20	9	01	-179	681	191	48	50	21	65	91	51
HONE11000	5	51	194	248	41	-28	5	01	-185	226	81	-226	337	131
IMPO11000	13	61	-235	806	151	-57	48	11	-24	9	01	89	116	51
IMPR11000	17	71	-196	607	141	-90	129	41	46	34	21	84	113	61
IMP311000	12	161	210	216	111	358	624	401	144	101	111	-78	30	41
INT911000	7	211	-647	888	571	-58	7	11	137	40	51	121	31	51
IRMA11000	5	31	200	407	41	105	113	21	162	267	61	123	153	41
JAES11000	5	51	13	1	01	-190	259	51	260	486	151	-44	14	01
JOVE11000	16	81	137	257	61	143	278	81	-137	256	131	104	149	91
LOCO11000	9	271	-85	16	11	-613	850	911	-178	71	131	111	28	61

ILOC211000	7	301	103	16	11	-27	1	01	-789	924	1771	-167	41	91
ILOC311000	5	81	82	30	11	314	443	141	-268	322	161	108	53	31
IMARG11000	9	331	-648	789	811	-12	0	01	204	78	171	-113	24	61
IMERE11000	9	51	199	533	81	-86	101	21	-76	77	21	-68	63	21
INBAG11000	8	231	-393	355	251	480	531	481	-19	1	01	-31	2	01
INBNR11000	7	81	85	41	11	-215	257	81	266	395	201	-44	11	11
INECE11000	12	91	-265	612	171	58	29	11	-90	70	41	-165	235	161
INSES11000	5	41	256	519	71	-66	35	11	203	327	91	-45	16	11
INSE711000	9	91	198	272	81	221	338	121	201	281	161	114	90	61
INTER11000	8	101	-84	36	11	186	176	71	-166	140	91	319	518	401
INTEL11000	8	71	142	159	31	219	382	101	-109	95	41	169	227	111
INTI311000	8	91	59	20	11	-3	0	01	215	265	161	179	184	131
INTR211000	5	101	312	345	111	-238	200	81	244	212	141	-212	160	121
IOTI211000	17	61	-173	578	111	-60	69	21	107	220	81	-54	56	21
IOTI911000	7	211	-556	655	421	67	10	11	101	21	31	-295	184	281
IPACI11000	9	81	230	428	101	123	122	41	225	409	201	18	3	01
IPAOT11000	15	101	203	401	121	214	446	171	-7	1	01	-117	134	101
IPRO311000	9	151	254	258	121	156	98	61	-68	18	21	-302	363	421
IPRO411000	11	61	208	530	91	-29	10	01	132	214	81	67	56	21
IPRO511000	9	191	-271	237	141	-324	339	251	-210	142	181	20	1	01
IRES111000	5	141	107	28	11	181	80	51	-250	152	141	-143	50	51
IRES211000	5	211	330	187	121	32	2	01	400	274	361	-494	418	641
IROOM11000	12	81	-39	16	01	-18	3	01	164	274	141	205	427	251
ISAB211000	7	61	146	155	31	-134	130	31	-266	513	201	102	76	31
ISAB511000	5	61	-48	14	01	-153	141	31	-128	100	41	-226	308	131
ISATI11000	7	201	-633	888	551	127	36	31	-13	0	01	-115	29	41
ISIND11000	5	41	178	263	31	240	478	81	-126	132	41	-116	112	41
ISOBRI1000	26	41	84	272	41	-123	585	101	-29	32	11	51	99	31
ISOB311000	9	131	166	134	51	319	493	251	178	153	131	210	214	201
ISTR111000	8	31	153	378	41	41	27	01	-149	360	81	96	148	41
ISUSE11000	12	21	88	255	21	80	213	21	63	133	21	-39	50	11
ITEMP11000	16	71	132	278	61	52	44	11	9	1	01	-176	497	241
IFRAB11000	9	61	163	289	51	242	642	141	-21	5	01	10	1	01
IFRA211000	11	51	84	105	21	-158	372	71	-13	2	01	-107	170	61
IFUDO11000	9	111	203	228	81	276	421	181	50	14	11	26	4	01
IFUDI11000	12	51	196	613	91	135	294	61	38	23	11	-39	25	11

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes, OLIVEIRA, Denize Cristina de. (orgs.). *Estudos Interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998. Tradução: Pedro Humberto Faria Campos.
- ALMEIDA, Elisabeth Gomes de. *Na relação escola-trabalho, o sonho que ainda permanece: um estudo sobre a representação que alunos da suplência II da Rede Municipal de Ensino fazem da Socialização Escolar*. São Paulo: 1993. 99p. Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação) - Faculdade de Educação da USP.
- AMADO, Vanderlei Américo. *Engajamento nos Movimentos Sociais: a origem do "ZE PLÃO", movimento de oposição sindical dos trabalhadores da construção civil de João Pessoa*. João Pessoa: 1988. 155p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Paraíba.

- ANDRADE, Maria Antônia Alonso de. *As representações sociais da política - Por uma redefinição do conceito de Cultura Política*. Brasília: 1995. 276p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Nacional de Brasília.
- ARROYO, Miguel G. A escola possível é possível? In: ARROYO, Miguel G. *Da escola carente a escola possível*. São Paulo: Edições Loyola, 1991, pp. 11-53.
- _____. O direito do trabalhador à educação. In: GOMEZ, Carlos Minayo et al. *Trabalho e conhecimento: dilemas da educação do trabalhador*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.
- BALLALAL, Roberto. Educação Formal e educação não-formal: momento de síntese. *Em Aberto*, Brasília, ano 02, nº 18, ago/nov. 1983.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BONFIM, Zulmira Aúrea Cruz, ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. Representação social: Conceituação, dimensões e funções. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v.9, pp.75-89, jan/dez, 1991/1992.
- BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean Claude. *A reprodução - elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves S.A., 1982.

- CAMPOS, Rogério Cunha. *A luta dos trabalhadores pela escola*. São Paulo: Edições Loyola. Coleção Educação Popular. nº 10, 1989.
- CARVALHO, Edgard de Assis. O reencautamento do homem. *Revista MARGEM* - (Condição Humana). São Paulo: EDUC, nº 03, pp. 107-122, dezembro/94.
- CUNHA, Luiz Antônio. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1978.
- DELORES, Jacques. (org.). *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez, 1998.
- DOISE, Willem, CLÉMENTE, Alain & LORENZI-CIOLDI, Fabio (1994). O discreto charme das atitudes. Tradução por Sheva Maia Nóbrega. UFPE: CFCH, agosto de 1997. (Mimeo). 3p. In: Papers on Social Representations - Textes sur les représentations sociales (1021-5573) Vol.3 (1), 26-28. Traduzido de: *Le charme discret des attitudes*.
- DUARTE, Emeide Nóbrega, NEVES, Dulce Amélia & SANTOS, Bernadete de Lourdes Oliveira. Manual técnico para realização de trabalhos monográficos. 3. ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1998.
- ESCARIÃO, Glória das Neves Dutra. *Educação Escolar e Trabalho: Um estudo sobre o significado da educação escolar e trabalho a partir das representações sociais*

- dos estudantes-trabalhadores. João Pessoa: 1996. 200p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba.
- FERNANDES, Dorival Gonçalves. *Alfabetização de jovens e adultos: as representações sociais de alfabetizandos e alfabetizadores*. João Pessoa: 1997. 172p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba.
- FERNÁNDEZ, Enguita Mariano. *Trabalho, escola e ideologia: Marx e a crítica da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.
- FERRETTI, Celso João. (org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- Opção: trabalho: trajetórias ocupacionais de trabalhadores das classes subalternas. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1988.
- FONSECA, Fábio do Nascimento. *Fatores determinantes da evasão numa experiência de educação de adultos trabalhadores* - Um estudo de caso. João Pessoa: 1996. 150p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba.
- FORMIGA, Leomarcos Alcântara. *Imagens do Trabalho - Um estudo sobre as percepções dos operários da construção civil na cidade de João Pessoa*. João

Pessoa: 1997. 144p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal da Paraíba.

FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo: UNESP, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Bial. Rio de Janeiro: 1997.

GELPI, Ettore. *Economia política, educação dos adultos e exclusão*. 1997. (mimeo.).

GOMES, Geruza de Mendonça. *A experiência do vazio. Significação da Educação para migrantes de retorno em Pernambuco*. João Pessoa: 1987. 143p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

- GONSALVES, Elisa Pereira. *Escola e trabalhador: revisitando o tema da ascensão social pela educação escolar*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1996.
- GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1982.
- GUARESCHI, Pedrinho A. & JOVCHELOVITCH, Sandra. (orgs.). *Textos em representações sociais*. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- GUARESCHI, Pedrinho A. Representações Sociais: alguns comentários oportunos. In: NASCIMENTO-SCHULZE, Clélia Maria. (org.). *Novas contribuições para teorização e pesquisa em representação social*. Florianópolis: [s.n.], 1996. p. – (coletâneas da ANPEPP, 10).
- GUERRA, Yaponira Machado Barbachan. *O espaço dos sem espaço. Estudo de caso de representações sociais de migrantes de classes subalternas no Recife*. João Pessoa: 1986. 172p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba.
- HADDAD, Sérgio. *A educação de pessoas jovens e adultas e a nova LDB*. s/d. 16p. (mimeo.).

Escola Zé Peão: uma prática educativa com operários da construção em João Pessoa. *Revista Alfabetização e Cidadania* - (diversidades dos sujeitos). RAAAB - Rede de apoio à ação alfabetizadora do Brasil (Alfabetização de Jovens e Adultos). São Paulo, nº 4, pp.33-40, dezembro/1996.

Construindo um mundo escrito: O Projeto Escola Zé Peão. *Revista de Extensão*. João Pessoa, nº 2, pp.78-85, setembro/1996.

Os limites de uma prática educativa no canteiro de obra: o caso do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Civil de João Pessoa. João Pessoa, 1995. (mimeo).

Novas formas de parceria: sindicato e universidade. João Pessoa, 1993. (mimeo).

Projeto Escola Zé Peão. *Revista Forma e Conteúdo* - CUT. Revista da Secretaria Nacional de Formação, São Paulo: nº 4, p.65-66, setembro/91.

IRELAND, Timothy D. *As bases sociais do Projeto Escolar nos Canteiros - A indústria da construção civil, sua força de trabalho e a luta do sindicato dos trabalhadores dessa indústria*. João Pessoa, 1991. (mimeo).

Escola para o trabalhador (Uma experiência de ensino supletivo para os trabalhadores). In: ARROYO, Miguel G. (org.). *Da escola carente à escola possível*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

Usando la alfabetización, y las habilidades que en ella se

cimentam, como ladrillos para la construcción de la democracia: la experiencia

del Sindicato de Trabajadores de la Construcción de João Pessoa, Brasil. In:

Educación de Adultos y Desarrollo – Instituto de la Cooperación Internacional de la

Asociación Alemana para Educación de Adultos, nº 42, pp. 80-87, IIZ/DVV, 1997.

O atual estado da arte da Educação de Jovens e Adultos no

Brasil: uma leitura a partir da V CONFINTEA e do processo de globalização. In:

SCOCUGLIA, Afonso Celso, NETO, José Francisco de Melo. (orgs.). *Educação*

Popular: outros caminhos. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999, pp. 169-

184.

IRELAND, Timothy D. et al. *Projeto Escola Zé Peão.* Prêmio Qualidade para o

Trabalho. João Pessoa, 1998.

IRELAND, Vera Esther Jandir da Costa. Alfabetização de Adultos: Ainda a Questão do

Método. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v.3, p. 57-70, 1993.

JODELET, Denise. *Representação Social: fenômeno, conceito e teoria.* Tradução por

Sheva Maia da Nobrega, revisão de Aderson Graciano de Oliveira. (mimeo). 9p.

In: MOSCOVICI, Serge. *Psychologie Sociale.* Paris, PUF, 1988, 2ª ed., 360-365.

KUENZER, Acácia Zeneida. *Pedagogia da Fábrica.* São Paulo: Cortez, Autores

Associados, 1989.

- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. São Paulo: Editora Saraiva. 34p.
- LEME, Maria Alice Vanzolini da Silva. O impacto da teoria das Representações Sociais. In: SPINK, Mary Jane Paris. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. *A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MADEIRA, Margot Campos. Representações Sociais: Pressupostos e Implicações. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, p. 129-144, maio/agosto, 1991.
- _____. Linguagem e Representações Sociais: quando a vivência se torna palavra. In: MADEIRA, Margot Campos (org.). *Representações Sociais e educação: algumas reflexões*. Natal: EDUFRN, 1997.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural. V.1. 1985.
- MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 5ª edição. São Paulo: Hucitec, 1986.

- MAZOTTI, Aida Judith Alves. *Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicação à educação*. In O Fracasso escolar. *Em Aberto*, Brasília: INEP, ano 14, nº 61, 1994.
- MEMÓRIA do IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL: *Universidade e Educação Popular*, João Pessoa, 26 a 30 de julho de 1994. - João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1995. 218pp.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Olhando através dos andaimos e tapumes. *Revista Proposta*. Rio de Janeiro, v.33, fevereiro/87, p. 22-38.
- MORICE, Alain. Reestruturação Política do Mercado Habitacional e Rotatividade da Mão-de-Obra na Construção Civil em João Pessoa (PB). *Revista Política e Trabalho*, João Pessoa, nº 7, p. 33-48, abril/1989.
- Os "Pêões" da construção civil em João Pessoa: a resistência do capital ao assalariamento. In: XVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências - ANPOCS, 1992. (mimeo.).
- Os trabalhadores da construção civil em João Pessoa: primeiras reflexões. João Pessoa, 1988. (mimeo).
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanalyse*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

Pessoa. Ed. Universitária/UFPB, 1995.

Benedito: *um homem da construção*. João

Pessoa: v.2, 1992, p. 35-52.

OLIVEIRA, M^a de Lourdes Barreto de. A Educabilidade no Trabalho: seu realismo numa experiência escolar com trabalhadores. *Revista Temas em Educação*, João

psychiatrique et leurs famille."

étude sur les représentations sociales de la folie par des sujets internes à l'hôpital (Mimeo). Tradução parcial, revisada e ampliada de: "La maladie mentale au Brésil: da Nóbrega. Recife, PE Universidade Federal de Pernambuco, 1990. 76p.

NOBREGA, Sheva Maia da. *O que é Representação Social*. Tradução por Sheva Maia

Universidade Federal da Paraíba.

do trabalho. João Pessoa: 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) -

MUNIZ, Hélder Pordeus. *Concepções dos operários da construção civil sobre acidente*

Janeiro: Imago Editora, 1990.

A máquina de fazer deuses: sociologia e psicologia. Rio de

Moscovici, Paris, Editora P.U.F., 2. edição, 1988. pp.5-13.

social, retirado do livro: *Psychologie Sociale*, publicado sob a direção de Serge

Nóbrega. (Mimeo). 10p. Tradução de: Introduction: le domaine de la psychologie

O domínio da psicologia social. Tradução por Sheva Maia da

- _____. *O lugar do sentido na pedagogia do Projeto Escola Zé Pedro: a prática do ler e do escrever*. 1991 (revisado em 1996), (mimeo.).
- ORDAZ, Olga, VALA, Jorge. Objectivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes, OLIVEIRA, Denize Cristina de. (org.). *Estudos Interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998.
- PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação Popular e Educação de Adultos*. São Paulo: Loyola, 1987.
- PINTO, Alvaro Vieira. *Sete lições sobre educação de adultos*. São Paulo: Cortez, 1997.
- ROSSI, Wagner Gonçalves. Capitalismo e educação: contribuição ao estudo crítico da economia da educação capitalista. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.
- SA, Celso Pereira de. *Sobre o núcleo central das representações sociais*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- _____. *A construção do objeto de pesquisa em Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- _____. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane Paris. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. 24ª edição. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1991.
- _____. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 3ª edição, São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1992. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo): v.40.
- SEMINÁRIO SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, 1992, João Pessoa. *Educação básica e trabalho na construção civil: Projeto Escola Zé Pido*. João Pessoa, 1992, 7p.
- SEMINÁRIO FAZER ACADÊMICO E MOVIMENTOS SOCIAIS, 3º, 1995, João Pessoa. *Projeto Escola Zé Pido*. João Pessoa, 1995, 6p
- SINTRICOM. (sintricom@netwaybbs.com.br). Relatório de dados estatísticos 1999. E-mail para: [Thadeu\(ficm@openline.com.br\)](mailto:Thadeu(ficm@openline.com.br). 23 de setembro de 1999.
- SOARES, Magda Becker. *As muitas facetas da alfabetização*. Caderno de Pesquisa, São Paulo, (52):19-24, fev.1985.
- SOSA, Nair Heloisa Bicalho. *Construtores de Brasília*. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

- SOUZA, João Francisco de. Educação popular para o terceiro milênio - desafios e perspectivas. In: COSTA, Maria Vorraber. (org.). *Educação popular hoje*. São Paulo: Edições Loyola, 1998, pp.11-35.
- SOUZA FILHO, Edson Alves de. Análise de Representações Sociais. In: SPINK, Mary Jane Paris. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SPINK, Mary Jane Paris. O estudo empírico das Representações Sociais. In: SPINK, Mary Jane Paris. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SPOSITO, Marília Pontes. *O povo vai à escola*. São Paulo: Edições Loyola, (Coleção Educação Popular), nº 02, 1984.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 8ª edição. São Paulo: Cortez, 1998.
- TORRES, Carlos Alberto. *A política da educação não-formal na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TRIVINOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

- UNESCO. La Educación de Adultos en un Mundo en vías de Polarización – *Educación para Todos Situación y Tendencias*. Paris, França: Palimpseste, 1997.
- WERTHEIN, Jorge. Educação de adultos e democracia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 07 de junho de 1998. 1º Caderno, Tendências/Debates.
- WILLIAN, José. Crise na construção civil. *O Norte*. João Pessoa. 14 de outubro de 1999. Serviço. p.A11.